



IPG Politécnico
da Guarda
Escola Superior
de Educação,
Comunicação e Desporto

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Curso de Especialização Tecnológica
em Acompanhamento de Crianças e Jovens

Vanessa Santos Veloso

setembro | 2014





Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

VANESSA SANTOS VELOSO

RELATÓRIO PARA A OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE ESPECIALIZAÇÃO TECNOLÓGICA

EM ACOMPANHAMENTO DE CRIANÇAS E JOVENS

Setembro/2014

Ficha de Identificação

Aluno Estagiário

Nome: Vanessa Santos Veloso

Número: 5008049

Curso: Curso de Especialização Tecnológica de Acompanhamento de Crianças e Jovens

Orientadores de Estágio

Orientador da ESECD: Urbana Maria Bolota Cordeiro

Orientador da Instituição: Susana Isabel da Fonseca Oliveira

Local de Estágio

Nome: Centro de Assistência Social da Guarda - Creche

Morada: Largo Dr. João de Almeida, 9; 6300-695 Guarda

Contacto: +351271212174

Fax: +351271223585

Período de Estágio

Início: 14 de Abril de 2014

Fim: 13 de Agosto de 2014

Agradecimentos

De uma forma geral, agradeço a todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para o bom funcionamento do meu estágio.

Saliento, de modo especial, o empenho, o interesse e a ajuda da professora, minha Orientadora de Estágio, Urbana Maria Bolota Cordeiro, no que se refere à realização deste relatório.

Deixo o meu sincero reconhecimento ao Centro de Assistência Social, Creche da Guarda, Direção e Funcionários que sempre contribuíram para o meu enriquecimento enquanto pessoa e esclarecimento de dúvidas assim como para a minha boa integração na instituição.

Expresso um obrigada principalmente à minha orientadora e à educadora com quem trabalhei, Susana Isabel da Fonseca Oliveira que sempre me guiou, orientou e ajudou, contribuindo para um melhor aproveitamento, deixando-me muito à vontade para trabalhar com as crianças.

Destaco a disponibilidade das Irmãs que sempre foram uma fonte de carinho mostrando-se dispostas a ajudar.

Agradeço os conhecimentos que os professores do Instituto Politécnico da Guarda me transmitiram ao longo dos semestres.

Expresso a minha gratidão à minha família e amigos que tiveram um papel essencial durante o meu período de estágio, em relação à paciência, à ajuda, à força e aos conselhos com que me foram incentivando, em cada instante.

Resumo

O presente Relatório de Estágio enquadra-se numa das Unidades Curriculares do Curso de Especialização Tecnológica de Acompanhamento de Crianças e Jovens, visando o relato de meses de Estágio numa creche, na cidade da Guarda.

O estágio decorreu no Centro de Assistência Social da Guarda – Creche, durante 400h, e teve início no dia 14 de Abril de 2014, e finalizando no dia 13 de Agosto do mesmo ano.

Neste relatório poder-se-ão encontrar descritos em breves capítulos o local de estágio e sua caracterização, referindo-se o enquadramento teórico, as observações efetuadas e as atividades desenvolvidas, promovidas durante o período de estágio, remetendo à sua descrição e planificação.

Estes constituem os pontos principais que dividem o presente relatório em capítulos.

No final, apresento a conclusão, onde realço as ideias gerais de estágio e reforço a minha opinião sobre o decorrer do mesmo, dando sugestões para novas e diversas investigações.

Como reflexão final e crítica, incido nas aprendizagens, dificuldades e sugestões a que remete a avaliação geral do estágio.

Palavras-chave: creche; crianças; brincar; estágio; infância

Índice Geral

Ficha de Identificação	i
Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Índice Geral	iv
Índice de Figuras	vi
Introdução	1
<i>Capítulo I - Caraterização da Instituição</i>	
1. A Instituição	3
1.1 Localização Geográfica do Local de Estágio	4
1.2 Breve Historial.....	4
1.3 A Missão e os Valores	6
1.4 As Finalidades/Objetivos.....	7
1.5 O Público-Alvo.....	7
1.6 A Estrutura Física	7
1.7 A Estrutura Administrativa.....	13
2. Localização Geográfica do Local de Estágio	14
<i>Capítulo II - Enquadramento Teórico</i>	
1. A Infância como Construção Social	15
1.1 Relações intra e inter pessoais na Creche	18
2. Aspetos do Desenvolvimento	21
2.1 Na perspetiva Piagetiana	21
2.2 Na perspetiva de Freud	24
2.3 Na perspetiva de Erickson.....	25
<i>Capítulo III - Estágio e Atividades</i>	
1. Plano de estágio	277

2. Competências do Técnico Especialista em Acompanhamento de Crianças e Jovens	288
3. Observação	299
3.1 A importância da observação	299
3.2 Características das crianças dos 18 aos 24 meses	30
4. Atividades desenvolvidas	31
4.1 Rotina da Sala “Patinhos”.....	311
4.2 Um dia no Centro de Assistência Social – Jardim de Infância.....	322
4.3 Restantes atividades.....	366
4.4 Conclusão.....	49
Bibliografia	541
Webgrafia	52
Legislação Consultada	52
Anexos	543

Índice de Figuras

Figura 1 – O mapa do Distrito da Guarda	14
Figura 2 - D. João de Oliveira Matos (fundador da liga dos Servos de Jesus).....	44
Figura 3- O baloiço.....	88
Figura 4- O berçário	99
Figura 5- O fraldário.....	99
Figura 6 – Os armários de pertences	1010
Figura 7 – As cadeiras usadas para repouso	1010
Figura 8 – As cadeiras usadas para repouso	111
Figura 9- O organograma do Centro de Assistencia Social (Guarda)	133
Figura 10 - O salão.....	32
Figura 11 - O salão.....	33
Figura 12 - A Casa/Cozinha de brincar.....	33
Figura 13 - O quadro de presenças, dia da semana e tempo respetivamente.....	34
Figura 14 - Os livros de trabalho.....	34
Figura 15 - As caixas para inserir peças.....	37
Figura 16 - As crianças a brincar com os papéis.....	40
Figura 17 - Os livros com imagens.....	41
Figura 18 - As crianças a marcar as mãos em folhas.....	43
Figura 19 - Os carrinhos.....	44
Figura 20 - A sala "Patinhos".....	45
Figura 21 - O rádio.....	46
Figura 22 - O parque.....	48

Introdução

No decorrer do ano letivo 2013/2014, uma das Unidades Curriculares do Curso de Especialização Tecnológica (CET) foi a realização do Relatório de Estágio sob a orientação da Professora Urbana Maria Bolota Cordeiro, tendo como objetivo, aplicar na prática toda a teoria aprendida ao longo dos dois semestres permitindo o contacto direto com crianças e jovens e fomentando práticas pedagógicas mais profícuas, exequíveis e de qualidade.

Escolhi realizar o meu estágio com crianças, a partir do primeiro ano e meio de vida porque é uma mais-valia para a minha formação tanto profissional, como pessoal.

No que se refere à realização do Estágio, decorreu no Centro de Assistência Social (Creche), dando-nos a oportunidade de obter uma aprendizagem profícua através das nossas experiências, que sendo positivas ou negativas, foram sempre enriquecedoras para a nossa formação, como futuras Técnicas de Acompanhamento de Crianças e Jovens. Desta forma, fomos aprendendo com o desenvolver das nossas atividades e consequentes práticas educativas, promovendo outras mais proveitosas refletimos sobre as mesmas, tentando melhorar e aperfeiçoá-las, uma vez que subjacentes ao processo de ensino e acompanhamento.

Este Relatório encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro incide na caracterização da Instituição onde realizei o meu estágio, referindo a sua localização; no segundo encontra-se o enquadramento teórico, considerando a infância como construção social, abordo as relações intra e inter pessoais estabelecidas na Creche e o desenvolvimento da criança segundo Piaget e de acordo com Freud; por último, no terceiro capítulo encontra-se uma resenha do meu plano de estágio, salientando quais as competências do Técnico em Acompanhamento de Crianças e Jovens; abordo o período de Observação e as características das crianças com quem trabalhei, e por fim incluo o trabalho desenvolvido, aprofundando as práticas/atividades desenvolvidas durante o Estágio. Estas tarefas foram criadas e realizadas por mim sem a participação de outras estagiárias e da Educadora orientadora do meu Estágio.

Capítulo I

Caraterização da Instituição

1. A Instituição

1.1 Localização Geográfica do Local de Estágio

É na cidade da Guarda que se encontra a Instituição (Centro de Assistência Social – Creche), onde realizei o estágio. Esta instituição surge, no Largo Dr. João de Almeida, junto à Igreja da Misericórdia da Guarda.

A **Guarda** é uma cidade portuguesa com 42 541 habitantes inserida no concelho homólogo com 712,1 km² de área e 42 541 habitantes, subdividido desde a reorganização administrativa de 2012/2013 em 43 freguesias:

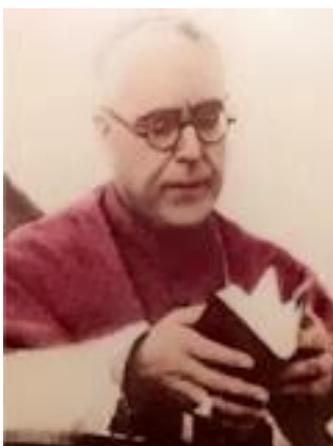
O **distrito da Guarda** é um distrito de Portugal pertencente à província tradicional da Beira Alta, salvo os concelhos mais a norte, que pertencem a Trás-os-Montes e Alto Douro. (Município da Guarda)



Figura 1 – O mapa do Distrito da Guarda
(Centro de Assistência Social)

1.2 Breve Historial

O Centro de Assistência Social é uma instituição privada que acolhe crianças da Creche e do Jardim de Infância, sendo a atividade principal a educação pré-escolar, com o código CAE:85100. Esta instituição é dirigida por Irmãs pertencentes à liga dos Servos de Jesus, a qual foi fundada por D.João de Oliveira Matos.



*Figura 2- D. João de Oliveira Matos (fundador da liga dos Servos de Jesus)
(Centro de Assistência Social)*

Sabemos que o Centro de Assistência Social da Guarda foi oficialmente inaugurado, no dia 1 de Agosto de 1943, pelo Subsecretário de Estado da Assistência Social, Dr. Joaquim Dinis da Fonseca, e, em 22 de Dezembro de 1981, por Despacho do Senhor Ministro dos Assuntos Socais, sendo integrado no Instituto de São Miguel.

Neste âmbito, salientamos que, as atividades assistenciais do Centro começaram, obedecendo à seguinte ordem cronológica:

- em 1943, foi criado um Posto de saúde para prestar assistência médica e medicamentosa à maternidade e 1ª infância, com consultas: pré-natal, pediatria e puericultura. Também em 1943, iniciaram-se as Colónias Marítimas Infantis, em Buarcos, na Figueira da Foz.

- em 1945, foi criada uma Cantina Escolar onde se forneciam diariamente o pequeno-almoço, e ao meio dia, uma sopa e pão, a todas as crianças das escolas da cidade e periferia.

- mais tarde em 1946, após adaptadas as respetivas instalações, foram integradas, no Centro a Cozinha Económica e a Sopa dos Pobres.

- ainda em 1946, vemos erguer-se a Obra dos Gaiatos para socorrer os adolescentes e jovens mais carenciados e analfabetos. Esta atividade começou com aulas noturnas, orientadas por professores profissionais, que generosamente se deslocavam ao Centro todas as noites. A Escola dos Gaiatos não seria completa, sem um Lar para os “sem família”, e assim foi criado, quase em simultâneo o Lar de São José Operário.

Foi, em 1951, após a adaptação das respetivas instalações, que começou a funcionar em pleno uma Creche e um Jardim de Infância. Este, ainda hoje, acolhe diariamente mais de 170 crianças, dos 3 meses aos 6 anos, funcionando o Jardim de Infância, desde 1 de Setembro de 1998, no antigo colégio de São José, e a Creche no largo Dr. João de Almeida, n.º 9. Em 1957, por iniciativa de um grupo de “Gaiatos”, foi criada a Associação Cultural e Desportiva, tendo por objetivo desenvolver a cultura e o desporto, transformada posteriormente na Associação Desportiva da Guarda.

De acordo com o site e a legislação do Centro de Assistência Social, são de salientar alguns dos aspetos essenciais:

- a Missão e os Valores;
- as Finalidades/Objetivos;
- o público-alvo;
- a Estrutura Física;
- a Estrutura Administrativa.

1.3 A Missão e os Valores

Para a consecução dos seus fins, o Centro de Assistência Social da Guarda, “sempre que disponha dos meios humanos, materiais e técnicos indispensáveis, assegurará o funcionamento de serviços de ação social e de outros similares cuja necessidade venha a ser reconhecida.” (Centro de Assistência Social, 2014)

Segundo o mesmo documento, no exercício das suas atividades o Centro de Assistência Social da Guarda, terá sempre subjacente:

- a necessidade de assegurar a integração familiar e social das crianças,
- a conveniência de organizar equipas de trabalho com a devida preparação técnica;
- o aperfeiçoamento cultural e moral dos profissionais;
- o espírito de convivência e de Solidariedade Social, como fator decisivo do trabalho em comum.

1.4 As Finalidades/Objetivos

O Centro de Assistência Social tem como principais objetivos:

- ajudar as crianças a crescerem num ambiente de segurança física e afetiva;
- acolher a criança, amá-la e respeitá-la na sua originalidade.

Neste âmbito salientamos que os profissionais de educação visam:

O bem estar e a segurança de todas as crianças; o estimular o seu desenvolvimento físico, cognitivo, social, moral e espiritual; o promover de atividades criativas, indo ao encontro das necessidades de cada criança.

1.5 O Público-alvo

O Centro de Assistência Social Creche da Guarda tem como público-alvo, sobretudo crianças, desde os 4 meses até aos 3 anos de idade. No entanto, o público-alvo com que exerci as minhas funções eram sobretudo crianças que se encontravam na fase de iniciação de marcha, ou seja, com idade próxima dos dois anos, sendo na sala “dos Patinhos”, (posteriormente abordada na estrutura física) que predominantemente realizei o meu estágio, efetuando e promovendo diversas atividades.

1.6 A Estrutura Física

A valência Creche é constituída por quatro salas, denominadas: a sala Pintainhos, a sala Patinhos, a sala Peixinhos e a sala Joaninhas.

A Sala “Pintainhos”

É uma sala ampla, com três janelas e boa luminosidade, o que é essencial para originar e proporcionar um ambiente mais saudável e adequado.

Nesta surge o Berçário que está preparado para receber crianças, desde os 4 meses até à aquisição de marcha.

Tem capacidade para 17 crianças. Esta sala dispõe de sala de berços, uma sala parque para as crianças poderem descobrir o espaço e brincar livremente e um fraldário destino a fazer a higiene das crianças. Este espaço, é agradável, marcado por um clima acolhedor, para que os bebés se sintam como se estivessem em casa, num ambiente carinhoso e sereno, propício ao desenvolvimento harmonioso da criança com um espaço calmo e tranquilo, rico de estímulos e sensações, fundamentais para o desenvolvimento total e global e integral da criança em todas as dimensões: física, motora, psicológica, social, cognitiva, ética, estética, moral, religiosa, como preconizam as Orientações Curriculares.

A Sala “Patinhos”:

É uma sala contígua à anterior, ampla e com duas janelas que lhe dão muita luminosidade. A Sala “Patinhos” está preparada para receber crianças desde a aquisição de marcha até aos 2 anos, e tem lotação para 20 crianças.

Nesta, as crianças são levadas a descobrir o que as rodeia, num ambiente cheio de carinho, afeto e novas aventuras. Neste espaço, encontramos já os recursos e materiais/brinquedos (fig. 3) que visam desenvolver a motricidade, através da manipulação, ação, tão importante neste estágio, sensório-motor, Piaget (2007), como defende Maria Montessori (2011), que fomenta uma atividade de manipulação, através do manuseamento, pois como preconiza Mialarett (1991) a ação é necessária mas não é todavia suficiente, pois é necessário que a criança mais tarde chegue à abstração.



Figura 3- O Baloíço
Fonte Própria

Para além das características já enunciadas, a sala “Patinhos” é marcada pelo seu lado acolhedor, e uma sala com 20 berços, onde as crianças dormem das 12h às 2h, (fig. 4).



Figura 4- O berçário
Fonte própria

Tendo em conta a idade e as necessidades destas crianças, o berçário possui uma área destinada à higiene das mesmas, fraldário, (fig. 5).



Figura 5- O fraldário
Fonte Própria

Neste espaço encontram-se também, armários para pertences de cada criança (fig. 6), como por exemplo, os babetes, as chupetas, os biberons e as fraldas.



Figura 6 – Os armários de pertences
Fonte Própria

A sala “Patinhos” dispõe também de diversas cadeiras adequadas, onde as crianças podem descansar a qualquer hora do dia, (fig. 7 e 8).



Figura 7 – As cadeiras usadas para repouso
Fonte Própria

Enquanto as cadeiras da figura 6 são mais utilizadas ao final do dia (enquanto as crianças esperam pelos pais), as da figura 8 têm utilidade a qualquer hora do dia.



Figura 8 – As cadeiras usadas para repouso
Fonte Própria

A Sala “Peixinhos”:

Esta sala com duas janelas, surge com boa luminosidade, suscitando um ambiente mais ativo.

Esta tem ao dispor das crianças, um equipamento e materiais parecidos aos do jardim de infância, que ajudam estas num desenvolvimento a todos os níveis.

No que se refere a esta sala, destina-se a crianças com idades compreendidas entre 18 a 36 meses e tem lotação para 15 crianças.

Dispõe de vários espaços que são transformados ao longo do ano consoante os temas que estão a ser abordados e as idades do grupo. Esta sala enfeita-se consoante as estações do ano, trabalhando e fazendo atividades sobre as mesmas, transmitindo às crianças novos conhecimentos e saberes acerca do que as rodeia. (Centro de Assistência Social)

Sala Joanelhas:

Nesta sala, surgem menos janelas que nas salas anteriormente referidas, mas temos as suficientes para o bom funcionamento do grupo. Esta sala tem uma porta com acesso ao exterior, para que as crianças criem e realizem atividades, tendo em conta aprendizagens baseadas no *Outdoor Learning*, como preconiza Trindade (2008).

Neste contexto, as crianças centram-se em situações de desafio, procurando que o “pensar sobre o que se vive”, seja o foco principal da situação de aprendizagem. Surge como um poderoso instrumento para criar e desenvolver relações grupais, transformar de forma positiva situações de conflito interpessoal, abrir vias de comunicação grupal e individual, criar referências de mútuo entendimento e escuta, enfraquecer barreiras relacionais, aumentar a eficácia do trabalho grupal e aumentar a capacitação de inserção operativa no real. (Trindade, 2013)

A sala Joaninhas está preparada para receber crianças dos 2 aos 3 anos e tem lotação para 20 crianças. Dispõe de vários espaços que são transformados ao longo do ano de acordo com os temas que estão a ser abordados e as necessidades vividas pelo grupo, de forma a desenvolver todas as capacidades das crianças.

A sala é enfeitada com os trabalhos que as crianças realizam e são, essenciais para novas aprendizagens. A disposição desta sala é o mais parecida possível, das salas do jardim de infância, para as crianças se ambientarem, ao nível do trabalho que vão ter no ano seguinte.

1.7 A Estrutura Administrativa

Em relação à estrutura administrativa apresentamos o seguinte organograma (fig.8) elucidativo da dinâmica da administração e cedido pela Instituição.

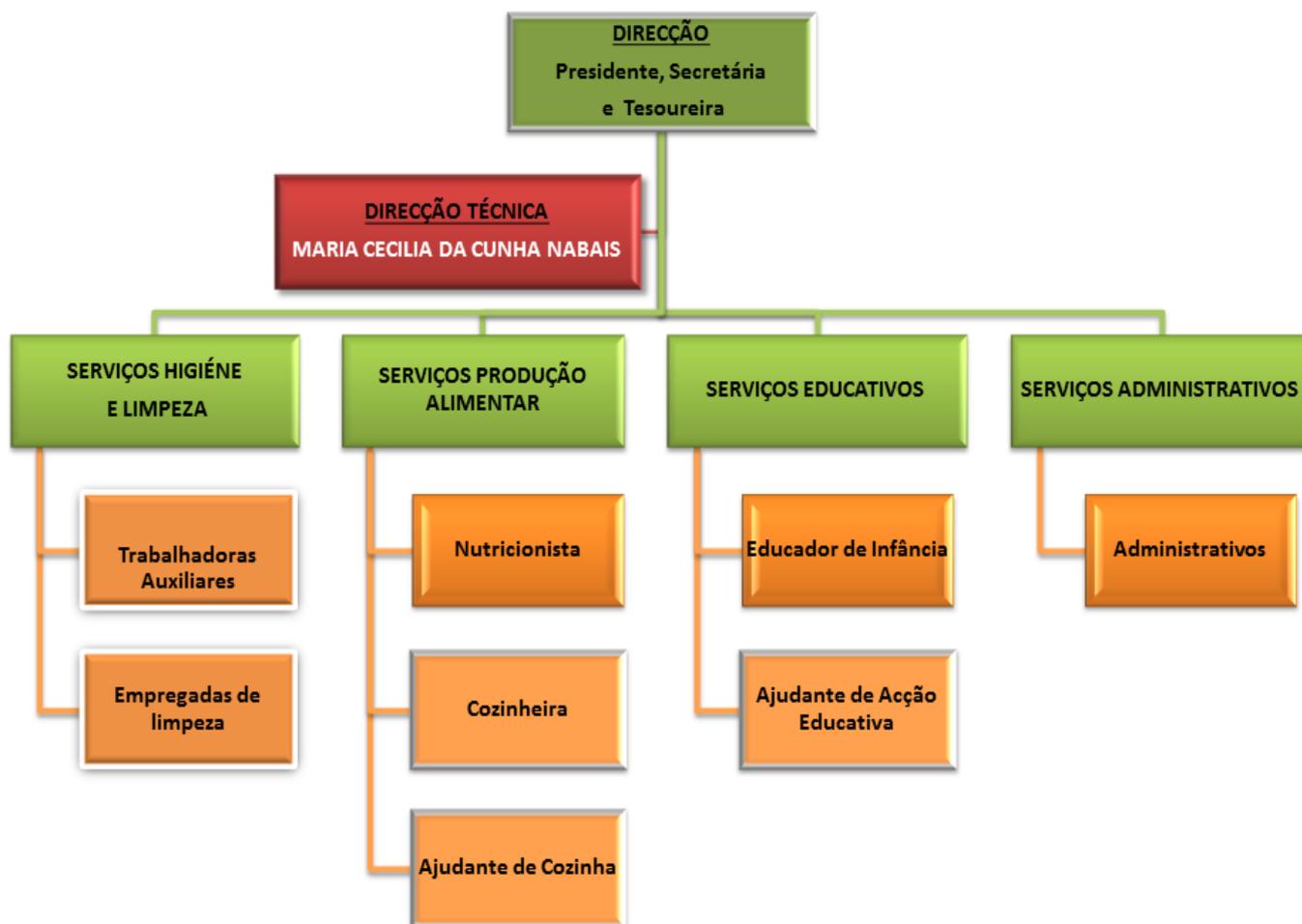


Figura 9- O organograma do Centro de Assistência Social (Guarda)
Fonte Própria

Capítulo II

Enquadramento Teórico

1. A Infância como Construção Social

É com Jean Jaques Rousseau, no século XVIII, que se abandona a teoria do Homúnculo, ou seja, a criança deixou de ser considerada um homem em miniatura, passando a ocupar um lugar central no processo de educação. Para Rousseau a Educação era um fator decisivo do desenvolvimento humano e das sociedades. Mais tarde Pestalozzi (1776-1841), seguindo as ideias de Rousseau, teve como pretensão alargar o sistema de ensino a todas as classes sociais e a todas as faixas etárias infantis. Foi o início para a mudança dos padrões da construção social da criança. Esta questão remete-nos de imediato para o facto de a criança passar a estar no centro do processo de ensino-aprendizagem. Ela ocupa um lugar essencial e fundamental em todo o processo, deixa de ser o objeto e passa a ser o sujeito da sua aprendizagem. *Learning by doing*, aprender fazendo. Neste âmbito, a criança é a construtora do seu próprio conhecimento. Consequentemente, esta deve agir, concretizar, manipular, observar e experimentar. Sabemos que a criança passa a estar no centro do processo ensino-aprendizagem com o movimento da Escola Nova que surgiu em França no final do século XIX e início do século XX com Adolf Ferrier. Através da ação a criança chega ao conhecimento, concretização, abstração.

Saliento que cada criança é um ser individual, diferindo, portanto, no género, na classe social, na comunidade em que se encontra inserido, nas suas próprias vivências e costumes, no seu nível relacional, no seu nível comunitário e no seu nível social, também. Assim, podemos reiterar, clarificando que cada infância é uma infância, não podendo nunca comparar duas crianças. (Oliveira, 2003).

A ideia de infância proporciona-nos a compreensão de que ser criança difere de acordo com o espaço e o tempo do seu grupo social. É nas múltiplas interações vividas que as infâncias vão-se fazendo e construindo, com marcas produzidas nas vivências, nas experiências de vida, e proporcionando-nos a diversidade, permitindo-nos falar no plural. Nesse sentido, as características atribuídas à infância, os sentimentos, as relações e atividades que são oferecidas às crianças, são diferentes, dependendo do contexto histórico e cultural em questão. Assim, podemos pensar que a infância não é uma fase

natural da vida, apenas ditada pelas questões biológicas do crescimento e o desenvolvimento infantil, mas que esse próprio entendimento varia, conforme as épocas que se sucedem e os grupos sociais que se diferenciam.

Segundo Cohn (2005), *espaços especializados de aprendizagem transmitem conhecimentos diversos em modalidades diversas. Por isso, deve-se focar a educação e os processos de aprendizagem, através das modalidades, lugares e relações envolvidas nesse processo em que se insere a criança e como a criança está inserida nele.* Assim, as concepções do que é ser criança, do seu desenvolvimento e da sua capacidade de aprender devem ser entendidas de maneira interligada. Só assim se pode compreender o que significa para elas aprender e a aprendizagem e conseqüentemente os processos subjacentes pelos quais a realizam.

Brincar é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas, encarando-se como um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural dos alunos. A criança desenvolve-se pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio histórica dos adultos e do mundo por eles criado.

Nesta perspectiva é importante que esta brinque e interaja com as pessoas e com o mundo que as rodeia.

Defender a participação da criança é não somente “dar-lhe voz”, como também criarmos condições necessárias para essa participação, compreendendo que a criança é um ator social peculiar, ou seja, utilizando como recurso a imaginação e a aproximação com as culturas infantis, como salienta (Corsaro, 1992), criando canais de diálogo com o poder instituído.

Assim, “Construiu-se um objeto abstrato, destinado a passar por níveis diversos e sucessivos de aquisição de competências, cada um deles constituindo uma etapa na fabricação da personalidade dos indivíduos” como refere (Javeau, 2005).

Atualmente, a criança é reconhecida como um sujeito ativo, competente e com potencialidades a serem desenvolvidas, desde o nascimento, é um sujeito que aprende e

constrói conhecimentos no processo de interação social. Essa construção de infância implica o reconhecimento de que:

- a infância é uma construção social elaborada para e pelas crianças num conjunto ativamente negociado de relações sociais. Embora a infância seja um fato biológico, a maneira como ela é entendida é determinada socialmente;
- a infância como construção social é sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando segundo a classe, o género e outras condições socioeconómicas. Consequentemente, não há uma infância natural, nem universal, nem uma criança natural ou universal, mas muitas infâncias e crianças;
- as crianças são atores sociais, que participam na construção e determinação das suas próprias vidas, mas também na vida daqueles que as rodeiam e das sociedades em que vivem, contribuindo para a aprendizagem, como agentes que constroem com o conhecimento experimental.
- as crianças têm voz própria e devem ser ouvidas de modo a serem consideradas com seriedade, envolvendo-as no diálogo e na tomada de decisões democráticas, e para se entender a infância: as crianças contribuem para os recursos e para as produções sociais, não sendo simplesmente um custo e uma carga;
- os relacionamentos entre os adultos e as crianças envolvem o exercício de poder (assim como a expressão do amor). É necessário considerar a maneira como o poder do adulto é mantido e usado, assim como a elasticidade e a resistência das crianças a esse poder. (Dahlberg, Moss & Pence, 2003)

Nesta sequência salientamos que devemos desenvolver as capacidades que levem a criança a ser criativa, esperta, muito curiosa, promovendo a busca constante de conhecimentos

1.1 Relações intra e inter pessoais na Creche

Uma das características fundamentais das crianças, quando entram para a creche é a necessidade de conhecer o seu próprio eu e o mundo que as envolve, assim como todas as pessoas ao seu redor.

Como elementos ativos no percurso do seu próprio desenvolvimento, as crianças observam, alcançam e agarram pessoas e objetos, que especialmente despertam a sua atenção. Neste âmbito salientamos que a aprendizagem ativa ocorre de forma mais eficaz, em contextos que suscitam e fomentam oportunidades de aprendizagem adequadas do ponto de vista do desenvolvimento. Sabemos que são essenciais ambientes ricos em estímulos que geram uma diversidade de experiências diversificadas.

Assim, as crianças têm a oportunidade de passar por várias experiências e situações que contribuem para o desenvolvimento emocional, físico, social e cognitivo, ou seja, um desenvolvimento total e global e integral.

As crianças de tenra idade estão à procura do sentido de si próprias, para depois compreender o mundo. À medida que as crianças exploram vão começando a conhecer-se, vai tendo a consciência de que são seres únicos, separados dos outros. Começam a estabelecer relações sociais significativas identificando os seus amigos, pares, pais, familiares, educadores.

Segundo Jean Piaget (2007, p.50) “o conhecimento não provém, nem dos objetos, nem da criança, mas sim das interações entre a criança e os objetos.”

Assim, inferimos que ninguém consegue ter experiências pela criança, ou desenvolver conhecimentos por ela. As crianças têm elas próprias de fazê-lo. Por isso, os bebés e as crianças mais novas aprendem fazendo, porque a nível cognitivo e os seus jovens cérebros estão particularmente predispostos à ação.

Relações entre Crianças:

As interações entre as crianças e os seus parceiros permitem-lhe desenvolver formas mais complexas de agir, de conhecer e simbolizar o mundo, de se relacionar com as pessoas e de perceber as suas próprias necessidades. A formação real do sujeito exige convivência

coletiva e a experiência de trocas e discussões em comum. Cooperar é trocar e construir novos saberes com os outros, permitindo o exercício da descentração e da reciprocidade, coordenando pontos de vista, levando à colaboração entre pares de iguais e chegando a soluções em comum e a um novo entendimento. Portanto, o ato educativo deve se direcionar para a formação de grupos fortalecidos, em relações de companheirismo, num projeto comprometido com a construção e reinvenção do conhecimento.

As crianças, a partir do primeiro ano de vida, começam já a querer ter ligações com os seus companheiros de sala/creche apesar de continuarem muito egoístas no que toca à partilha, devido ao egocentrismo que as caracteriza.

O Papel do Educador e Relações Criança-Adulto:

O processo de construção do conhecimento ocorre na medida em que o educador busca favorecer o desenvolvimento da criança, incentivando a sua atividade frente a problemas que fazem parte dos seus interesses e necessidades, promovendo situações que incentivem a curiosidade, possibilitando a troca de informações entre os alunos e permitindo a aprendizagem das fontes de acesso que levam ao conhecimento. Assim, cabe ao educador planejar, organizar e apresentar situações desafiadoras e que levem a criança a pensar, levantar hipóteses, refletir e procurar respostas, desenvolvendo a sua autonomia como preconiza Kamii (1991). É através da interação com a criança que o educador vai descobrir em que momentos a sua intervenção será realmente fundamental, no processo de construção do conhecimento. À medida que, na sua ação, o educador vai decidir, executar, registar, rever, sistematizar, também vai ser realizada a avaliação do seu fazer pedagógico e da aprendizagem e do desenvolver das crianças. É fundamental que o educador, como um adulto diante da criança, possa estabelecer uma relação de afeto, confiança, respeito mútuo e cooperação, que será a base do trabalho a ser desenvolvido.

A afetividade é sem dúvida, de suma importância no processo de desenvolvimento da criança, neste sentido, a família é a principal base para a estruturação e formação do caráter e desenvolvimento comportamental da criança, pois a educação tem por objetivo o encaminhar a criança para a sua inserção na sociedade, de modo a formar cidadãos ativos, críticos, e participativos, prontos a viver em sociedade.

Na educação a afetividade é um instrumento essencial às relações humanas, e o educando, é um sujeito em fase de formação, com características peculiares e que necessita de educação e cuidados que favoreçam sua constituição e o desenvolvimento como Pessoa. Consequentemente, é essencial ter a afetividade muito presente no processo de desenvolvimento, principalmente quando se trata de educação infantil, ela torna-se facilitadora deste processo, tornando o educador um mediador, responsável pela construção do conceito de limite, que é muito importante para a formação de um indivíduo, cidadão de direitos e com a consciência de que também tem deveres.

2. Aspetos do Desenvolvimento

Tal como acontece com o desenvolvimento físico, nos primeiros dois anos de vida a criança desenvolve múltiplas capacidades cognitivas, como resultado da crescente curiosidade pelo meio que a rodeia e pela respetiva necessidade de comunicação.

Nesta fase, a cognição, (processo que envolve esquemas mentais, tais como inteligência, aprendizagem, memória, linguagem, factos e conceitos) adquire um papel fundamental na adaptação da criança ao meio em que se desenvolve.

2.1 Na perspetiva Piagetiana

Um dos primeiros autores a defender o papel ativo do recém-nascido no processo de aprendizagem e no conseqüente desenvolvimento cognitivo foi Jean Piaget (2007).

Assim, este considera o ser humano, em geral, e a criança, em particular, como um ser ativo e criativo na construção e interpretação da realidade e do conhecimento, permitindo-lhe uma adaptação cada vez melhor ao ambiente que a rodeia. Salaria que este processo depende dos esquemas mentais de cada criança, presentes desde o nascimento, e que se vão tornando cada vez mais abstratos e complexos com o crescimento. Inferimos assim, que a abordagem piagetiana focaliza-se, na evolução das estruturas mentais e no modo como as crianças, desde o nascimento, se adaptam ao meio ambiente.

De acordo com o autor, o estágio que caracteriza o desenvolvimento cognitivo, desde o nascimento até aos 18-24 meses é o estágio sensório-motor. Neste período, o bebé aprende acerca de si próprio e do mundo, através do desenvolvimento da atividade sensorial e motora. É um estágio que se observa principalmente uma inteligência prática, aplicada à resolução de problemas, tais como procurar um brinquedo, agarrar uma bola, atirar um objeto, etc. É, portanto, uma inteligência anterior à linguagem e ao pensamento e que potencia, sobretudo, a perceção e o movimento.

Nesta sequência, Piaget (2007) divide este estágio em seis subestádios cognitivos que se desenvolvem à medida que os esquemas do bebé se tornem cada vez mais elaborados.

No 1º subestádio (altura do nascimento), o bebé possui reflexos e outras atividades inatas e espontâneas, que vão evoluindo à medida que a criança vai estabelecendo interações com o meio que a rodeia, assumindo, deste modo, um papel ativo no seu desenvolvimento.

Nesta fase, os esquemas de ação são os reflexos inatos, tais como, a sucção, a prensão e as capacidades sensoriais, como a audição, a visão, o olfato, o tato e o paladar. Para a criança não existe tempo nem espaço nem a diferenciação entre ele e o meio envolvente.

Entre o 1º e o 4º mês (2º subestádio) o bebé repete comportamentos agradáveis, que tenham ocorrido inicialmente, por acaso (tais como a sucção do polegar). Estas atividades estão centradas no corpo do bebé e não no meio externo – reações circulares primárias. Já não se trata apenas de reflexos inatos, mas sim dos primeiros hábitos, embora ainda não sejam ações verdadeiramente intencionais, pois são iniciadas, sem uma finalidade prévia; há apenas o começo da diferenciação entre meios e fins que, gradualmente, se vai desenvolvendo ao longo, dos subestádios seguintes.

Entre o 4º e o 8º mês (3º subestádio) o bebé torna-se mais interessado pelo ambiente e repete ações que produzam resultados interessantes, agora para além do seu próprio corpo, abrangendo objetos exteriores ao seu corpo – reações circulares secundárias. Aprende a relacionar as suas ações, com as consequências sensoriais.

Entre os 8 e 12 meses (4º subestádio), o bebé vai adquirindo a noção de permanência do objeto, ou seja, mesmo que as coisas não estejam ao seu alcance visual ele compreende que essas coisas continuam a existir e o mundo deixa de ser tão caótico para si. Esta nova aquisição é um marco fundamental no desenvolvimento da inteligência.

Todavia, esta aquisição ainda não está completa, pois o bebé apenas procura o objeto, no primeiro local onde o viu desaparecer, mesmo que o tenha visto a ser deslocado de um

“esconderijo” para outro – erro A-não-B. o bebé não é capaz de seguir sucessivos deslocamentos do objeto.

Erro A-não-B: Quando o objeto é escondido no Ponto A, o bebé consegue retirar o pano e descobri-lo. Se, posteriormente, o objeto for escondido (em frente ao bebé) no Ponto B, o bebé vai insistir no Ponto A para encontrar o objeto.

Neste contexto, surgem os primeiros atos intencionais propriamente ditos, pois há uma finalidade prévia à ação e os esquemas são coordenados, de acordo com uma diferenciação entre meios e fins. O comportamento do bebé torna-se progressivamente mais deliberado e intencional, à medida que coordena os esquemas anteriores aprendidos (tal como visualizar e agarrar um brinquedo). Há, assim, uma ação sequencial na qual o bebé já faz algo para atingir o que deseja. Por exemplo, nesta fase, o bebé percebe que se puxar o cobertor no qual se encontra o brinquedo, então obterá esse brinquedo. Com esta nova aquisição o bebé irá desenvolver inúmeras tentativas na descoberta de novos meios.

Entre o 12º e o 18º mês (5º substádio), o bebé explora ativamente o mundo para determinar o modo como um objeto ou acontecimento é novo, através de estratégias de tentativa-erro para resolver problemas – reações circulares terciárias.

Nesta fase já não se verifica o erro A-não-B, pois a criança tem em conta os deslocamentos sucessivos do objeto. No entanto, estes devem ser visíveis, pois o bebé apenas tem em conta um deslocamento invisível; mais do que um, já não consegue localizar o objeto.

Entre os 18 e os 24 meses (6º substádio), através da comunicação mental (e não por recurso ao tato), o bebé representa mentalmente os acontecimentos e objetos através do uso de símbolos (palavras, números e imagens mentais) – representação simbólica – deixando de estar limitado à estratégia tentativa-erro para resolver problemas.

2.2 Na perspetiva de Freud

Sigmund Freud (1964) desenvolveu um vasto leque de investigações nesta área e defendeu que as experiências vivenciadas pela criança, nos primeiros anos de vida, têm um papel determinante na construção da personalidade do futuro adulto e na resolução da maioria dos problemas que venham a surgir.

Segundo o autor, a figura materna é o único objeto de amor da criança e o protótipo de relacionamentos futuros, sendo a interação entre a mãe e o bebé fundamental para o seu desenvolvimento.

Assim, ao apresentar a sua teoria do desenvolvimento psicosssexual, vai definir e caracterizar o primeiro estágio – estágio oral – vivenciado desde o nascimento até aos 12-18 meses de idade. Tal como o nome refere, a zona erógena neste estágio é constituída pelos lábios e pela cavidade bucal, dado que a alimentação é a grande fonte de satisfação, neste período. Nesta fase o bebé não tem noção de que o seu corpo se diferencia do da sua mãe, assim a qualidade das relações que tem com a sua mãe irão refletir-se na vida futura e nos relacionamentos que venha a desenvolver.

Entre o primeiro e o segundo ano, a maturação e o desenvolvimento psicomotor vão permitir à criança reter, ou expulsar fezes, o que promove para a nova passagem e para o estágio psicosssexual – o estágio anal. A zona erógena passa a ser a região anal e mucosa intestinal, pois a sua estimulação proporciona bastante prazer à criança.

Segundo a perspetiva Freudiana, quer o estágio oral, quer o estágio anal, podem ser o período de aparecimento de conflitos psicosssexuais, com consequências graves, a longo prazo.

2.3 Na perspectiva de Erickson

Erickson (1976), também realçou a importância da figura materna nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento psicossocial da criança. Desde o nascimento até aos 18 meses, a criança passa pela sua primeira crise psicossocial- confiança versus desconfiança. Nesta fase a obtenção ou não, de confiança pelo bebé nas pessoas e objetos que o rodeiam está intimamente relacionada com a relação estabelecida com a mãe. Se desta relação resultar um sentimento de confiança, o mundo é percebido pela criança como um local hostil e imprevisível, o que se poderá vir a refletir na dificuldade em estabelecer relações futuras com os demais. Se a crise psicossocial for resolvida positivamente, então predominará o vetor confiança e a criança desenvolverá a esperança e o impulso como elementos-chave no estabelecimento de relacionamentos futuros.

Embora grande parte da investigação no desenvolvimento da vinculação se focalize na interação mãe e bebé, atualmente tem sido atribuído à figura paterna um papel fundamental no processo de vinculação. O bebé pode estabelecer fortes laços com uma variedade de pessoas e objetos do meio em que está integrado. Quando os pais assumem um papel significativo na sua vida, a vinculação pode ser tão forte quanto a que fosse estabelecida com a figura materna. Frequentemente, é adotada uma expressão substituta dos conceitos pai/mãe, designada por caregiver, alguém capaz de cumprir as mesmas funções da mãe e do pai, com quem a criança pode estabelecer vinculação.

Capítulo III

Estágio e Atividades

1. Plano de estágio

ESTUDANTE: Vanessa Santos Veloso

DOCENTE ORIENTADOR: Urbana Maria Bolota Cordeiro

SUPERVISOR: Susana Oliveira

PLANO DE ESTÁGIO

1. Observação Direta

- adquirir autonomia dentro do espaço da sala de atividades;
- estabelecer uma relação afetiva com o grupo de crianças;
- adaptação gradual à rotina da sala/creche

2. Intervenção /Dinamização

- gestão de grupo;
- planificação de atividades direcionadas ao grupo;
- realização das atividades orientadas para as crianças

3. Avaliação

- observação direta;
- reflexão conjunta acerca do trabalho realizado;
- reflexão pessoal sobre o desempenho

2. Competências do Técnico Especialista em Acompanhamento de Crianças e Jovens

O Técnico especialista em Acompanhamento de Crianças e Jovens é o profissional que, de forma autónoma, ou integrado numa equipa, orienta, apoia e supervisiona crianças e jovens em idade escolar, assente em princípios deontológicos e conducente à valorização da formação humana, à promoção da educação pessoal e social e à aquisição e desenvolvimento de competências.

O curso de Acompanhamento de Crianças e Jovens deve promover as seguintes competências essenciais:

- dominar saberes de natureza científica, técnica e prática facilitadores de uma ação profissional integrada e participada;
- compreender normas de funcionamento das instituições, com vista a uma atuação pautada por princípios de rigor, de segurança e de qualidade;
- promover e dinamizar, autónoma ou em colaboração, projetos e atividades socioeducativos, recreativos e de lazer, devidamente integrados nas dinâmicas das instituições e dos contextos em que cada um exerce a sua atividade profissional;
- favorecer, nas crianças e jovens, a construção de disposições para aprender e o desenvolvimento de atitudes e hábitos de trabalho, autónomo e em grupo;
- perspetivar o trabalho de equipa como fator de enriquecimento da sua formação e da sua atividade profissional;
- promover interações e relações de respeito mútuo com todos os membros da instituição e com as famílias, nomeadamente no âmbito dos projetos de vida e de formação das crianças e dos jovens;
- manifestar capacidade relacional, de comunicação e de equilíbrio emocional, promovendo um clima de convivência democrática;
- assumir uma dimensão cívica e formativa inerente às exigências éticas e deontológicas da sua atividade profissional. (Instituto Politécnico da Guarda)

3. Observação

O vocábulo “Observação” é uma palavra que deriva do latim “observativo” que significa ato de ver, ou de olhar com atenção, sendo esta uma das etapas do método científico, que consiste em perceber, ver e não interpretar. (Priberam, 2013)

3.1 A importância da observação

A observação não é apenas um instrumento descritivo, mas um recurso de investigação e planeamento. É indispensável a quem acompanha o desenvolvimento de crianças, valorizar o momento, onde ela durante a sua manifestação espontânea ou não, pode revelar ou desvelar saberes, desejos e intenções sobre si mesma e sobre o mundo.

O processo de Observação é uma técnica muito flexível e abrangente, na medida em que permite ao observador recolher uma diversidade de informações acerca de vários sujeitos e ocorrências que sucedem, ao longo da realização de atividades.

Na área de Educação e Acompanhamento de Crianças é indispensável ver e olhar cada criança, para que o educador/acompanhante consiga ir ao encontro às necessidades de todo o grupo, ou de cada criança individualmente, com atenção para posteriormente adequar a intervenção que responda às necessidades, dificuldades e interesses da criança.

O Técnico de Acompanhamento no que se refere a crianças deve observar o grupo a trabalhar, antes da intervenção nele, na medida em que todas as crianças são diferentes em todos os aspetos, incluindo assim, uma grande atenção à diversidade.

O ato de Observar, uma vez que carregamos connosco (estagiários) ideias, sentimentos e valores construídos pela nossa história/vivência pessoal, tem de ser mediado por boas teorias e práticas, com intenção pedagógica de favorecer o desenvolvimento da criança em todas as dimensões humanas. (Artigonal)

3.2 Características das crianças dos 18 aos 24 meses

Como já referi anteriormente, as crianças nesta fase (e desde o início da sua vida), têm como ponto principal a figura materna.

De um modo geral, entre os 18 e os 24 meses, o bebé começa por juntar duas palavras para expressar uma ideia, embora o discurso linguístico seja pouco associado à idade cronológica. A maioria das crianças, que começa a falar mais tarde, de um modo geral, recupera com relativa facilidade esse “tempo perdido”. As primeiras frases, normalmente relacionam-se com acontecimentos do quotidiano, objetos, pessoas, ou atividades familiares

As crianças nesta fase, querem estabelecer já as suas relações de amizade e reconhecem com grande facilidade o seu grupo de trabalho. Algumas já conseguem reconhecer objetos pertencentes a cada colega, como por exemplo: o biberon, o bibe, a chupeta e o brinquedo.

Estas conseguem também reconhecer animais e até mesmo dizer o nome de alguns, mas é claro que este conhecimento depende do desenvolvimento de cada criança, assim como reforço positivo que se tem da respetiva criança. É muito importante falar explicitamente para a criança de modo a que ela compreenda a mensagem que lhe é transmitida. Desta forma, estamos a criar bases para a iniciação do seu processo de linguagem oral, mas principalmente, devemos dar-lhe essa vontade de comunicar com os outros, sendo por isso, muito importante a realização de atividades, com fins pedagógicos, nunca tirando a diversão e o entusiasmo à criança.

4. Atividades desenvolvidas

4.1 Rotina da Sala “Patinhos”

Geralmente, quando eu dava início a um dia de estágio (9h), já se encontravam na sala algumas crianças, que iam chegando a partir, sensivelmente das 8h da manhã.

É importante referir que o período da manhã foi sempre destinada ao brincar espontaneamente pela sala. Cada criança estava à vontade para brincar com o que escolhesse e como quisesse como por exemplo (brincar com legos, carros, bonecos, tentar andar, correr), tendo sempre a minha ajuda e interação, mas principalmente a minha vigilância, o que é essencial para evitar que a criança caia e se magoe. Estas atividades livres, baseavam-se sobretudo na manipulação de objetos, a capacidade motora e a destreza manual.

Por norma sempre se ouvia música durante a manhã e haviam cinco minutos antes do almoço em que as crianças se sentavam no chão em círculo para receber uma bolacha. Esta atividade da bolacha ajuda a criança a entender que tem uma rotina que se deve respeitar. De seguida, e por volta das 11h ajudava na alimentação das crianças, dando-lhes o que estava estipulado.

“A posteriori”, estas eram levadas para a sala “berçário” onde lhes proporcionávamos todos os cuidados higiénicos no fraldário para poderem dormir a partir do meio-dia às duas horas da tarde.

Após as catorze horas, as crianças eram levantadas dos berços e novamente tratadas no fraldário e iam lanchar. Posteriormente, as crianças eram lavadas para poderem ir para a sala brincar ou realizar alguma atividades (sempre brincando).

Ao final do dia as crianças viam desenhos animados, enquanto esperavam pelos pais. Tentávamos acalmá-las, com músicas adequadas à sua faixa etária e ao momento do regresso a casa.

4.2 Um dia no Centro de Assistência Social – Jardim de Infância

No dia 14 de Julho, realizei o meu dia de estágio, no Centro de Assistência Social (Jardim de Infância), onde fui muito bem recebida e integrada de imediato. É importante referir que as crianças com quem trabalhei neste estabelecimento tinham entre os três e os cinco anos de idade.

O primeiro local que conheci foi o salão, (fig. 10), local onde todas as crianças brincam e onde ocorre a receção dos pais.

Este espaço tem uma grande quantidade de janelas, sendo bastante luminoso e agradável. É amplo e espaçoso, possibilitando as crianças a uma maior movimentação, interação, dinamismo e atividade.



Figura 1- O salão
Fonte: Própria

Como podemos observar na figura 11, há espaços assinalados com tapetes para as crianças se sentarem, além de um placar, simbolizando o mundo e crianças de diferentes raças, de mãos dadas, apelando à igualdade e união entre todos.

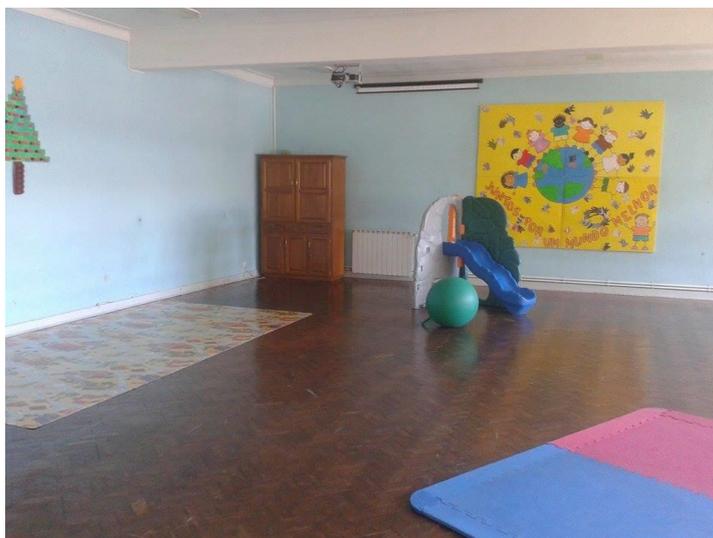


Figura 2- O salão
Fonte: Própria

Assim que chegaram todas as crianças dirigimo-nos para a “Sala das Formiguinhas”. Nos primeiros 15 minutos cada uma podia realizar o que quisesse como por exemplo: Jogar às casas (fig. 12), aos filhos, aos cabeleireiros, fazer puzzles. Como podemos constatar, a sala tem espaços destinados a estas tarefas, denominados “os cantinhos”, decorados de acordo com a respetiva função, por exemplo cozinha, etc...



Figura 3 – A Casa/Cozinha de brincar
Fonte: Própria

De seguida, as crianças sentaram-se todas em círculo, para dar os bons dias aos colegas e às educadoras. Quando acabaram de entoar a canção do “Bom dia Jesus”, cada uma, segundo a educadora, teria de se levantar e ir colocar a sua formiguinha, no quadro de presenças, no respetivo dia de semana, tendo cada dia uma atividade específica.

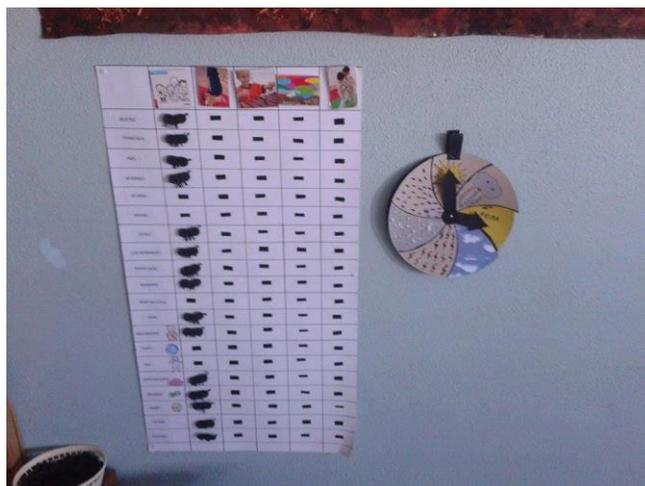


Figura 4- O quadro de presenças, dia da semana e tempo respetivamente

Fonte: Própria

No dia em que efetuei esta visita era uma segunda-feira, o dia do livro, (fig. 14). Assim sendo, desenvolveram atividades relacionadas com os livros e ajudei as crianças a realizarem os seus trabalhos, recortando, pintando sempre aprendendo algo, como o nome dos planetas, por exemplo.



Figura 5 – Os livros de trabalho

Fonte: Própria

Entretanto, chegou a hora de almoço, fomos para o refeitório e as crianças após a refeição têm três horas de descanso, dormindo do meio-dia às quinze horas.

Assim que se levantaram e fizeram a sua higiene foram lanchar e no final, voltaram para a sala, acabando assim os trabalhos que deixaram pendentes durante o período da manhã. Posteriormente, fizeram o teatro relacionado com a história da lebre e da tartaruga, pois na semana anterior a educadora contara-la. As dramatizações são essenciais, pois levam a criança a desenvolver-se e a aperfeiçoar a sua capacidade de expressão oral, melhorando e enriquecendo o vocabulário que se torna mais abrangente e ativo, estimulando a criatividade e imaginação, “poiésis” vs “mimésis”, como preconiza Rocha (1976).

Como forma de se divertirem, no final do teatro efetuaram corridas com uma almofada às costas. Com este jogo, puderam inferir que para aguentar até à meta com a almofada nas costas teriam de ir devagar. Assim, esta atividade ajudou-as a descobrirem a lição: “Devagar se vai ao longe”; “Depressa e bem, não há quem.”, verificando-se aprendizagens por descoberta significativa, como defende Ausubel (2003).

No final destas corridas e aprendizagens, saímos com as crianças para o parque localizado atrás do Centro de Assistência Social – Jardim de Infância da Guarda, onde as crianças brincaram livremente, andando de carro, bicicleta, brincaram na areia ou simplesmente andaram de baloiço, dando lugar à libertação de toda a sua energia e ao desenvolver da sua Pessoa.

Para terminar este dia fantástico com as crianças de faixa etária mais avançada, voltámos para o salão onde esperámos os pais, ficando alguns ainda a ver desenhos animados.

4.3 Restantes atividades

Durante o meu período de estágio desenvolvi outras atividades, entre as quais saliento ainda:

Fazer a bola rolar

Público-Alvo: Crianças com idade compreendida entre um ano e meio e os dois anos de idade.

Duração: 15 minutos

Materiais Necessários: Bola de ténis

Objetivos:

- estimular a atenção das crianças;
- desenvolver a atividade motora;
- promover o saber jogar/trabalhar em equipa;
- fomentar a cooperação e a interajuda

Descrição da Atividade:

Todas as crianças sentaram-se em círculo, com as pernas abertas para criar barreiras, formando uma área fechada, incluindo-me a mim eu e Auxiliares Educativas, pegámos numa bola, empurrávamo-la para um dos elementos, sem esta nunca sair do chão e passávamos bola uns para os outros, acabando por fazer um jogo de passes de bola (neste caso, com as mãos)

Reflexão Crítica:

Gostei muito de realizar esta atividade, pois verificou-se uma grande interação, onde nós e as crianças nos relacionamos com grande alegria, tendo todos o mesmo papel (tanto as educadoras, as auxiliares educativas e as crianças) e originando-se a comunicação multilateral entre todos com uma participação e um empenho notórios.

Quebra-Cabeças com objetos

Público- Alvo: Crianças entre um ano e meio e os dois anos

Duração: Cinco minutos cada grupo

Materiais Necessários: Caixas para inserir peças (fig. 15) e as peças correspondentes



Figura 6- As caixas para inserir peças
Fonte: Própria

Objetivos:

- desenvolver o raciocínio;
- promover a destreza manual;
- incentivar o cálculo;
- fomentar a capacidade de resolver problemas

Descrição da Atividade:

Nesta atividade, comecei por agarrar na caixa (que continha as peças no seu interior) e perguntar bem alto para todos ouvirem, “quem quer jogar um jogo?”. Tendo a caixa na mão, alguns dos elementos de cada grupo entenderam logo qual era o jogo. Outros não conseguiram perceber de imediato, mas guiados pela curiosidade quiseram participar também na tarefa. Expliquei que não seria possível jogarmos com um grupo tão grande e desta forma, dividi o grupo maior, em grupos de três crianças.

Seguidamente, abri a “casa” das peças para as poder retirar do seu interior e dividi-las pelas três crianças participantes de cada grupo, dizendo o nome da forma de cada objeto e a cor. De seguida, as crianças colocaram as peças correspondentes aos buracos existentes na “casa”, umas sendo ajudadas, outras já com bastante autonomia.

Reflexão Crítica:

Este jogo torna-se muito importante no que se refere à coordenação mãos-olhos na medida em que ajuda a desenvolver as aptidões das crianças estimulando a concentração, a perceção. Fomenta o conhecimento das crianças quando se lhes é transmitido o nome e a cor de cada figura geométrica e de cada objeto.

Na minha opinião, esta atividade, foi a mais importante, ou das mais importantes que realizei com as crianças. Sendo uma atividade, que estimula o raciocínio, torna-se numa tarefa essencial a ser concretizada por crianças no que se refere ao desenvolvimento cognitivo e racional destas.

Nota: Esta atividade foi repetida várias vezes, ao longo dos dias de estágio, a pedido das crianças, o que revela que as motivou e interessou, envolvendo-as de tal modo, que insistiam na sua repetição, com frequência.

Pintar e despintar

Público-Alvo: Esta atividade pode ser realizada, a partir do primeiro ano de vida, mas neste caso foi promovida com crianças a partir do ano e meio.

Duração: 10 a 15 minutos

Material Necessário: Vidro grosso, tinta guache, pincel ou podem ser utilizadas as mãos.

Objetivos:

- explorar e reconhecer o corpo como produtor de marcas;
- perceber quais as características do vidro (transparência, dureza e frieza);
- observar e perceber as transformações

Descrição da Atividade:

Propus às crianças que repassassem nas formas e as cores, e chamei-lhes à atenção que quando passavam com o dedo por cima do vidro já pintado, este voltava à sua transparência.

Reflexão Crítica:

Esta atividade, ajuda as crianças a perceberem o que as rodeia, e o que elas podem realizar ou criar no ambiente quando querem. Na minha opinião esta tarefa é importante para a criança, no que se refere à descoberta daquilo que ela consegue fazer. Neste contexto salienta-se a importância da criança ativa e como sujeito do seu próprio conhecimento, aprendendo e experimentando, como preconizam as Orientações Curriculares (1997).

Chuva de papel

Público-Alvo: Crianças com idade compreendida entre um ano e meio e os dois anos de idade

Duração: 15 a 30 minutos

Material Necessário: Revistas e jornais velhos

Objetivos:

- promover a interação uns com os outros;
- estimular a imaginação e o bem-estar

Descrição da Atividade:

Relaxámos, estando todas as crianças deitadas no chão, de seguida, sentámo-nos no chão à volta de um monte de jornais e revistas, onde todos rasgaram e manipularam os papéis livremente. Juntaram todos os papéis picados e deitaram os papéis para o ar, fazendo assim a festa do papel. Repeti, várias vezes, o último passo. Posteriormente, todos brincaram livremente com os pedaços de papel (fig.16).

Reflexão Crítica:

Esta atividade é muito engraçada porque é apenas uma brincadeira, em que as crianças conseguem agir, manuseando e rasgando o papel. Utilizaram aqui, para além do sentido do tato, o sentido da audição.



Figura 16 – As crianças a brincar com papéis

Fonte: Própria

Explicar o significado/nome de imagens

Público-Alvo: Crianças entre um ano e meio e os dois anos de idade.

Duração: 10 minutos

Material Necessário: Livro com desenhos (fig. 17)

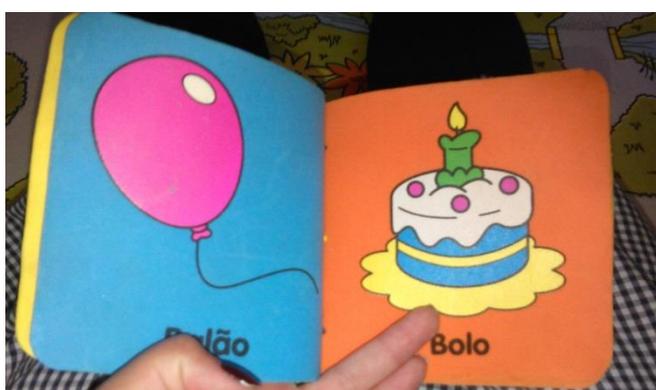


Figura 17- Os livros com imagens

Fonte: Própria

Objetivos:

- fomentar conhecimentos e aptidões;
- estimular a concentração e a observação;
- compreender aquilo que os rodeia e o seu significado;
- desenvolver a linguagem

Descrição da Atividade:

Nesta atividade explicou-se o significado de cada imagem observada no livro e a cor, explicou-se a utilidade e o som que transmite.

“A posteriori” a esta primeira etapa, distribuí livros por todos os que quiseram e puderam observá-los livremente. Os mais velhos, por fim, descobriram o nome e a cor das imagens, com ou sem a minha ajuda.

Reflexão Crítica:

Gostei muito de realizar esta atividade, pois senti que estava a criar nas crianças aprendizagens muito significativas e importantes para conhecer o mundo e tudo o que as rodeia. Neste âmbito surge o promover da capacidade de atenção e observação, tal como do espírito crítico.

Nota: Nesta atividade, são utilizados “livros de banho” para as crianças não se cortarem nas folhas de papel.

As mãos de cada um

Público-Alvo: Crianças com idade compreendida entre o primeiro e o segundo ano de vida

Duração: 40 minutos

Material Necessário: Toalha plastificada, tintas e folhas

Objetivos:

- estimular o gosto pela arte e o sentido estético;
- descobrir a noção do “Eu” no mundo;
- ter uma recordação para mais tarde relembrar

Descrição da Atividade:

Cada criança pousou a sua mão sobre a tinta e de seguida colocou-a na folha (fig. 18) , onde escrevi o nome de cada um. Por último, registei a data

Reflexão Crítica:

Realizei esta atividade porque ajuda cada criança a conhecer o seu próprio corpo e senti-lo, melhorando a sua sensibilidade quinestésica, como preconiza a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986). Também sempre gostei de ver trabalhos meus, deste género, de quando frequentava o jardim de infância.



Figura 18 – As crianças a marcar as suas mãos em folhas
Fonte Própria

Corridas de Carrinhos

Público-Alvo: Crianças com dois anos

Duração: 10 minutos

Material Necessário: Carrinhos (fig.19)

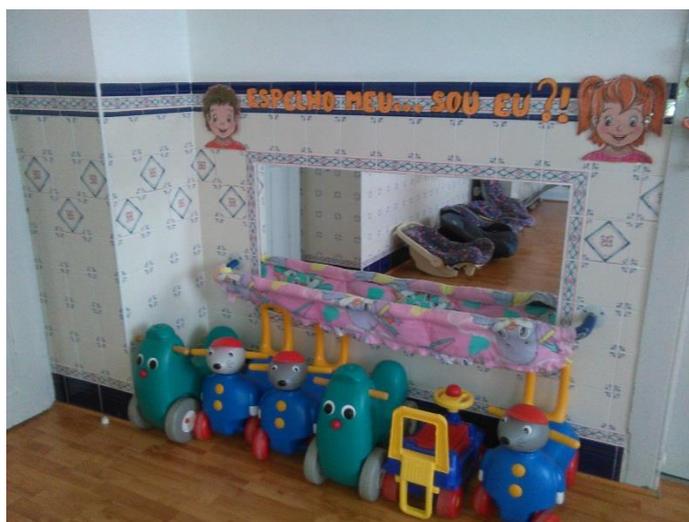


Figura 19 – Os Carrinhos
Fonte Própria

Objetivos:

- desenvolver a dimensão física, a capacidade motora, a cooperação, o respeito pelas regras e pelo outro, exploraram o espaço;

- fomentar a noção da velocidade e de tempo

Descrição da Atividade:

Cada criança em cima do seu carrinho, posicionava-se lado a lado, com as restantes, e a primeira que chegar ao fundo da sala era a vencedora.

Reflexão Crítica:

Realizei esta atividade por mero divertimento, e as crianças gostaram muito, devido a muitas tinham uma preferência especial por carros/motas.

Viagem pela sala

Público-Alvo: Crianças com um ano e meio aos dois anos de idade

Duração: 5 a 10 minutos

Material Necessário: Nesta atividade foi preciso material

Objetivos:

- transmitir à criança conhecimentos sobre o que a rodeia, ajudando-a assim a querer falar; Imitar aquilo que nós explicamos;
- descobrir o nome das figuras.

Através desta tarefa promoveu-se essencialmente o espírito de observação, a capacidade de atenção e o espírito crítico.

Descrição da Atividade:

Passei com uma criança de cada vez pela sala, parando em cada objeto, ou em cada figura para lhes explicar o que significava, o que era, ou para que servia.

Reflexão Crítica:

Esta atividade é importante para a criança conhecer o que a rodeia, desenvolver a capacidade de observação como preconizam as Orientações Curriculares. Achei importante mostrar às crianças o que se encontrava realmente na sala que todos os dias elas frequentavam, visando o promover da atenção do espírito crítico e de um melhor conhecimento do ambienteem que se vive, através da manipulação, ação, concretização, observação, experimentação como defende Montessori (2011).



Figura 20 – A Sala “patinhos”
Fonte Própria

“Toca a dançar”

Público-Alvo: Crianças com idade compreendida entre um ano e meio e os dois anos

Duração: 30 minutos

Materiais Necessários: Rádio e CD's (fig. 21).



Figura 21 – O Rádio
Fonte: Própria

Objetivos:

- estimular o ritmo e os movimentos;
- imitar o que veem;
- estimular o sentido de orientação

Descrição da Atividade:

Nesta atividade, as crianças dançavam ao som da música, mas imitavam os meus gestos, não sendo obrigatório. As crianças podiam ir descansando ao longo da atividade.

Reflexão Crítica:

Gostei muito de realizar esta atividade porque para além de me divertir muito com as crianças, ainda observei grandes avanços no desenvolvimento físico de muitas delas, sendo notória a sua melhoria a nível da destreza e movimentos controlados e mais adequados.

Neste âmbito, promovemos ainda o sentido estético e a harmonia de gestos e atitudes, diversificando os passos, os gestos, os sons, visando também desenvolver a capacidade da perceção dos sons, acompanhando-os, com os gestos adequados em simultâneo com sintonia e cadência.

“Vamos lá contar”

Público-Alvo: Crianças com idade compreendida entre o primeiro ano e meio e o segundo

Duração: 15 minutos

Materiais Necessários: Bolas

Objetivos:

- estimular a curiosidade por saber mais;
- entender noção da quantidade;
- desenvolver o raciocínio

Descrição da Atividade:

Cada criança era colocada dentro do círculo (parque-fig.22), uma de cada vez. O círculo estava cheio de bolas. Cada uma ia para dentro do círculo e atirava para fora dele as bolas, mas uma a uma para se contarem.

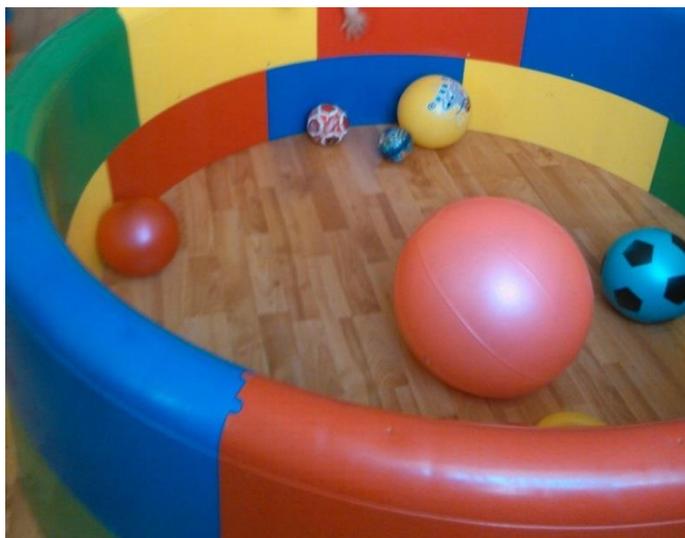


Figura 22 – O Parque

Fonte: Própria

Reflexão Crítica: Esta atividade foi muito divertida, pois as crianças gostavam muito de atirar as bolas para fora do parque. Brincando, conseguiram contar em conjunto comigo, ficando com a noção de quantidade efetuando aprendizagens significativas como preconiza Ausubel (2003). Na minha opinião, é muito importante as crianças aprenderem enquanto brincam.

Neste contexto, a importância da ação, da concretização, da manipulação defendida por Montessori (2011), é essencial à aquisição da noção de número.

4.4 Conclusão

Após o meu trabalho na Instituição verifiquei que as crianças melhoraram o seu desempenho, a sua capacidade de movimentação, de raciocínio, de se exprimirem, etc, como constatei através das grelhas de avaliação de atividades.

Durante todo o estágio tentei desenvolver tarefas adaptadas a estas crianças que se encontravam entre os 18 e os 24 meses. Foi uma experiência muito enriquecedora, pois realizei muitas tarefas e em simultâneo, consegui relembrar algumas fases da minha própria infância, apesar das crianças com quem trabalhei se encontrarem numa fase precoce.

Pretendi que as atividades realizadas fossem muito úteis para o seu desenvolvimento, bem como para as educadoras/auxiliares educativas da instituição que tentei que as efetuassem com mais frequência, na minha ausência, repetindo e recriando as atividades por mim promovidas e outras similares.

Pistas para o Futuro

Quanto às pistas para o futuro, vou referir algumas atividades que planeei mas que não consegui realizar, por falta de tempo, de oportunidade e outras por não se enquadrarem bem com o público-alvo presente no meu estágio. Gostaria de ter passeado com as crianças fora do contexto de sala, para lhes transmitir conhecimentos mais profícuos sobre a natureza e tudo o que as rodeia.

Algumas das atividades foram essenciais para que as crianças desenvolvessem a criatividade, a perceção, a expressão corporal, estimulassem o corpo e a interação grupal. Dois exemplos de atividades que trabalhem neste desenvolvimento das crianças foram, a “interiorização de animais”, onde com o seu corpo, imitam animais que conhecem, ou que muitas vezes querem conhecer, trabalhando assim a sua curiosidades, a perceção daquilo que as rodeia e o modo como os outros são diferentes e conseguem pensar de maneira diferente. A outra atividade, seria fazer um álbum ilustrado com recortes de revistas e estes seriam colados num papel, criando assim uma história para fomentar e trabalhar a criatividade das crianças

Reflexão Final

Não senti grande dificuldade nas atividades promovidas e nas tarefas realizadas, nem na relação com a Instituição e as crianças, pois antes efetuei um período de observação e, apenas quando já estava mais adaptada e ligada tanto às pessoas com quem trabalhei, como também ao Centro de Assistência Social – Creche, é que iniciei a minha prática.

Fiquei muito feliz com todas as aprendizagens, com os conhecimentos que consegui vivenciar e do contacto com as crianças. Para além de lhes transmitir saberes, através de todas as atividades efetuadas e dos afetos que tive para com elas, obtive muito mais conhecimentos e experiência, interagindo com elas.

Tudo o que estudei, durante o meu curso no Instituto Politécnico da Guarda foi essencial para o meu bom desempenho na Instituição, onde realizei o meu estágio. Senti-me realmente realizada, com a conclusão do meu estágio, quando percebi que as crianças de quem me despedi se encontravam muito mais desenvolvidas, do que no primeiro dia em que as conheci, tendo contribuído, para tal, muitas das minhas atividades e afetos, que considero essenciais, para o desenvolvimento total, global, integral e harmonioso.

Com a exequibilidade das minhas atividades descritas no presente relatório, e com o acompanhamento dos profissionais que me ofereceram o melhor de si, ao longo do estágio, julgo ter adquirido competências muito úteis, para um futuro profissional e até mesmo pessoal, pois, acho importante o conhecimento de várias faixas etárias.

Em relação às sugestões e críticas construtivas, considero que seria importante que o estágio fosse durante mais tempo, para assim promover e realizar todas as atividades que gostaria. Não foi possível concretizar todas as tarefas que eu tinha em mente, devido à faixa etária em que estas crianças se encontravam.

Bibliografia

- Antunes, Celso (1996). *Alfabetização emocional*. 2.ed. São Paulo: terra
- Ausubel. (2003). *Psicologia educacional*. Rio de Janeiro, Editora Interamericana.
- Cohn, Clarice. (2005). *A antropologia da infância*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Corsaro, W.A., Miller, P.J. (Ed.) (1992). *Interpretive approaches to children's socialization*. New Directions for Child Development, San Francisco.
- Dahlberg, G., Moss, P., Pence, A. (2003) *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed,
- Javeau, Claude. (2005). Criança, infância(s). Ed.Soc., campinas, vol26, p.379-389
- Kamii, Constance & Devries, Rheta.(1991). *Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget*. Trad. Marina Célia Dias Carrasqueira. São Paulo: Trajetória Cultural.
- Levin, Esteban. (1997) *A infância em cena – Constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor*. Petrópolis, Rio de janeiro: Vozes.
- Montessori, M. (2011). *A Descoberta da Criança*. Lisboa: Portugália Editora
- Mialaret, G. (1991). *As Ciências da Educação*., Lisboa, Moraes Editores.
- Oliveira, Zilma Ramos. (2002) . *Educação Infantil. Fundamentos e Métodos*. São Paulo. Cortez.
- Piaget, J. (2007). *A construção do real na criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rousseau, Jean-Jacques (1990) - Emílio, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2 vols.
- Saltini, Cláudio J.P. (2008). *Afetividade e Inteligência*. Rio de Janeiro: wak.
- Tavares, J., Pere Oliveira, Zilma Ramos (2002). *Educação Infantil. Fundamentos e Métodos*. São Paulo. Cortez.ira, A. S., Gomes, A. A., Monteiro, S., & Gomes, A.

Tavares, J., Pereira, A. S., Gomes, A. A., Monteiro, S., & Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. porto: porto editora. Obtido em 24 de maio de 2014.

Webgrafia

<http://centrodeassistenciasocialguarda.blogspot.pt> (acedido a 5 de agosto de 2014)

Município da Guarda. (s.d.). Obtido de Cidade da Guarda: <http://www.municipal-guarda.pt/index.asp?idedicao=51&idSeccao=576&Action=seccao> (acedido a 5 de agosto de 2014)

<http://www.ipg.pt/cet/curso.aspx?id=28&curso=Acompanhamento%20de%20Crian%C3%A7as%20e%20Jovens> (acedido no dia 7 de agosto de 2014)

<http://www.sociosistemas.com/Outdoor%20Learning,%20o%20que%20e.pdf> (acedido no dia 13 de agosto de 2014)

<http://www.priberam.pt/dlpo/observa%C3%A7%C3%A3o> (acedido no dia 13 de agosto de 2014)

<http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/a-importancia-da-pesquisa-e-a-contribuicao-da-observacao-por-meio-do-estagio-para-a-formacao-docente-4762272.html> (acedido no dia 13 de agosto de 2014)

Legislação Consultada

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa

Ministério da Educação. (1979). *Código CAE : 85100 - Educação Pré-Escolar*

Anexos



Relatório de Estágio

Curso de Especialização Tecnológica em Acompanhamento de Crianças e Jovens